

precário estado de pernas, não poderia fugir com segurança e necessária rapidez.

Tendo vivido em rodas de gente fina — como já vimos — não pela fortuna, mas pela educação e instrução; tendo sonhado outro destino que não o que tivera; acrescentando a tudo isso o seu aleijamento — Marramaque era naturalmente azedo e opositorista. Naquele domingo, ele o tirara para falar mal do doutor Saulo de Clapin.”

(Clara dos Anjos)

Discutiu-se o resto da noite. No final, concordou-se: levar-se o caso à autoridade do *Canalejas*, ao dono da casa. E na tarde seguinte (ou melhor, na noite seguinte) foi o caso discutido com o *Canalejas*. Ele ouvia tudo, parte a parte, sobrinho e fregueses. (O gerente ainda tinha um argumento novo, além do anterior: o aumento inevitável na conta da luz, pois, um salão comprido com tantas lâmpadas...) O dono, cansado, ouviu tudo aquilo, levantou as mãos e disse:

— Olhe, mande acender. E botar quantas mesas eles quiserem.

E, assim, cresceu a freguesia. E começaram as reuniões tipo tertúlia, aquelas em que havia dois, três ou quatro escolhidos de antemão, para trazerem ao conhecimento de todos as suas produções — poemas, contos, crônicas, caricaturas, composições musicais, pois entre os associados havia um interessante conhecedor de música, autor de valsas, Américo Pereira, também professor estabelecido em ensino secundário da Prefeitura e em escolas especiais da Marinha, além de cursos de aperfeiçoamento. Américo foi um dos mais sinceros, dos mais carinhosos e profundos admiradores de Moacir de Almeida e de uma outra grande figura de professor e de músico, Assuero Garritano, um dos maiores compositores da geração musical de Vila-Lobos, grande regente e catedrático da Escola de Música de Porto Alegre (universidade) e, mais tarde, da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, que passou a vida ensinando, regendo e compondo. Sua obra, quase toda ainda inédita, representa uma contribuição à cultura artística

comparável à de seus companheiros de geração — Vila-Lobos, Hekel Tavares, Camargo Guarnieri.

“Nisto Ricardo Coração dos Outros entrou com o seu longo e rabudo fraque de sarja e o seu violão encapotado em camurça. O major fez as apresentações.

— Já o conhecia de nome, Sr. Ricardo, disse Olga.

Coração dos Outros encheu-se de um alvissareiro contentamento. A sua fisionomia minguada dilatou-se ao brilho do seu olhar satisfeito; e a sua cútis que era ressecada e de um tom de velho mármore, como que ficou macia e jovem. Aquela moça parecia rica, era fina e bonita, conhecia-o — que satisfação! Ele que era sempre um tanto parvo e atrapalhado, quando se encontrava diante das moças, fossem de que condição fossem, animava-se, soltava a língua, amaciava a voz e ficava numeroso e eloqüente.

— Leu então os meus versos, não é, minha senhora?

— Não tive esse prazer, mas li, há meses, uma apreciação sobre um trabalho seu.

— No *Tempo*, não foi?

— Foi.

— Muito injusta! acrescentou Ricardo. Todos os críticos se atêm a essa questão de metrificação. Dizem que os meus versos não são versos... São, sim; mas são versos para violão. V. Ex^a sabe que os versos para música têm alguma coisa de diferente dos comuns, não é? Não há, portanto, nada a admirar que os meus versos, feitos para violão, sigam outra métrica e outro sistema, não acha?

— Decerto, disse a moça. Mas parece-me que o senhor faz versos para a música e não música para os versos. E ela sorriu devagar, enigmaticamente, deixando parado o seu olhar luminoso, enquanto Ricardo, desconfiado, lhe sondava a intenção com os seus olhinhos vivos e miúdos de camundongo.

Quaresma, que até ali se conservava calado, interveio:

— O Ricardo, Olga, é um artista... Tenta e trabalha para levantar o violão.

— Eu sei, padrinho. Eu sei...

Violão